

# APRESENTAÇÃO

## EXPRESSÕES LITERÁRIAS E ARTÍSTICAS NO ESPAÇO LUSÓFONO CONTEMPORÂNEO

**ALLEID RIBEIRO MACHADO\***

**MARIA ELISA RODRIGUES MOREIRA\*\***

“As nações todas são mistérios. Cada uma é  
todo o mundo a sós” (Fernando Pessoa).

O mundo contemporâneo é um espaço repleto de contradições: ao mesmo tempo que vivenciamos um grau de interconexão jamais visto – entre as pessoas, os países e as culturas, mas também entre os problemas econômicos, as crises políticas, as emergências sanitárias e as guerras –, sentimos os impactos negativos desse cenário difuso em que os problemas parecem multiplicar-se continuamente. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2013), ao perguntar “O que é o contemporâneo?”, destaca o quanto é difícil estarmos imersos em nosso tempo, pois isso impediria nossa contemporaneidade. Em sua perspectiva, a contemporaneidade

[...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e de um anacronismo (AGAMBEN, 2013, p. 59).

A ideia de lusofonia, similarmente, é também permeada por uma série de problematizações e contradições (FONSECA, 2013): afinal, seria possível pensar que apenas o fato de existir uma língua

---

\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: alleid.machado@mackenzie.br

\*\* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). *E-mail*: maria.moreira@mackenzie.br

em comum, usada e partilhada por certos grupos de pessoas, garantiria a constituição de um território, tanto geográfico como simbólico, que aproximasse essas pessoas, seus modos de vida, suas formas de representação? E como se situariam, na constituição dessa ideia de lusofonia, as conturbadas relações advindas de uma história marcada pela violência de um processo colonizador cujos efeitos se fazem sentir ainda hoje sobre as nações nas quais a língua portuguesa foi inserida como uma imposição? Seria possível pensar a lusofonia sem associá-la a uma centralidade de Portugal, de modo a evitar que esse processo tenha um caráter neocolonial?

São, pois, os dois aspectos que norteiam a temática deste dossiê, a lusofonia e a contemporaneidade, problemáticos, e por isso mesmo provocadores de reflexões, com as quais acreditamos que os trabalhos aqui reunidos podem contribuir. No tocante à lusofonia, entendemos que pensar em sua conformação hoje é pensá-la como um fenômeno múltiplo, que não pode ser subsumido sob um único país ou um único idioma por meio do qual seriam expressas suas manifestações culturais. Como afirma Moisés de Lemos Martins (2015, p. 11) na apresentação que escreve para o livro *Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia*,

As figuras de Lusofonia e de comunidade lusófona não remetem para um imaginário único. Remetem, obrigatoriamente, para múltiplos imaginários lusófonos. Neste sentido, aquilo que os portugueses entendem por Lusofonia só em parte poderá coincidir com aquilo que Brasil, Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste e Galiza imaginam e concebem como tal. Com efeito, o imaginário lusófono tornou-se, definitivamente, o imaginário da pluralidade e da diferença [...].

Essa pluralidade e essa diferença refletem-se nas diversas línguas portuguesas que constituem a lusofonia, apropriadas e ressignificadas nos territórios em que são utilizadas pelos mais diversos caminhos, condizentes com o que cada uma dessas nações traz de particular. Essa pluralidade e essa diferença são, também, o que nos permite olhar para nossa contemporaneidade sem uma aderência total a ela: por meio do entendimento dessa diferença como elemento constituinte da questão lusófona, institui-se o anacronismo demandando por Agamben para que pensemos o contemporâneo.

Esse anacronismo nos parece emblematicamente simbolizado na afirmação de Fernando Pessoa que trazemos como epígrafe a este texto: escritos há

cerca de 90 anos, esses dois versos proclamam o mistério do mundo, consubstanciado na particularidade de cada nação, em uma espécie de solidão que as atravessa. Cada uma sendo o mundo todo, mas também um mundo específico. Traça-se, assim, um duplo movimento, que tanto aponta para uma dinâmica cultural globalizada, de contatos, misturas e criação de homogeneidades – a qual Martins (2015) nomeia como “globalização cosmopolita” – quanto reforça, por meio dessa mesma dinâmica, aquilo que em cada território se mantém único, peculiar, diverso, o que subsiste como diferença e como multiplicidade – uma “globalização multiculturalista”.

Precisamos, pois, olhar para as expressões literárias e artísticas que permeiam o espaço lusófono contemporâneo sempre atentos à sua pluralidade, sem, portanto, aderir ao nosso próprio imaginário lusófono de modo que este obstrua os demais imaginários lusófonos com os quais estamos em diálogo, cientes de que a riqueza desse universo se constitui justamente pela diferença que sempre resiste na particularidade de cada nação, de cada história, de cada experiência. Precisamos pensar a lusofonia no plural, como lusofonias, como um território por cujos espaços – geográficos mas, principalmente, simbólicos – transitamos procurando tanto pelas suas luzes quanto por seus pontos de obscuridade, como nos alerta Agamben, sem que, no entanto, sucumbamos ao pessimismo a que os trechos mais obscuros desses percursos podem nos levar.

É, portanto, no âmbito da discussão proposta, que são trazidos à baila quatro artigos que permitem diversas reflexões em torno da contemporaneidade e da lusofonia. A partir de diferentes objetos de análise e de distintas perspectivas teóricas, os textos apresentados problematizam questões que dialogam com as temáticas ora sugeridas, bem como colaboram com a sua interlocução: interações discursivas, poder, *performance*, memória cultural, contemporaneidade, lusofonia, educação e cultura africana.

O primeiro artigo do dossiê, intitulado “A lusofonia no âmbito da geopolítica e da globalização: movimentos que (des)integram línguas, culturas e memórias”, apresenta uma reflexão sobre a questão da lusofonia que se articula aos apontamentos por nós levantados nesta apresentação. Para tanto, Andre Luiz de Faria aborda a presença da língua portuguesa em diferentes lugares do mundo, indicando, além de sua representatividade, suas diferenças e similaridades, tendo em vista contextos culturais diversos e heterogêneos. Discute-se essa presença considerando o contexto do qual emerge, fazendo uma “achega” a partir de autores como Bauman, Santos e Woodward, que

tratam de questões implicadas na pós-modernidade, na globalização e na identidade. Além de propor esse caminho teórico, o autor também dialoga com teóricos da lusofonia, como Brito, Lourenço e Martins. O escopo do artigo é tornar notória a ideia de que a língua portuguesa não é feita apenas e tão somente de sua estrutura morfossintática; para além desse quesito factual, o texto revela que o que mais movimenta e faz com que a língua portuguesa seja compreendida são motivações extralinguísticas, como os relatos, os sentimentos, as vivências, as práticas e os comportamentos manifestados por seus falantes, que são, afinal, propulsores de memória linguística e cultural.

Na sequência, a discussão adentra o terreno do ensino. Em “Lusofonia e cultura africana na escola: uma proposta de sequência didática a partir do conto ‘Nós choramos pelo cão-tinhoso’”, Mariana Andrade Ogasawara propõe um estudo acerca do texto literário de matiz africana, de autoria do escritor angolano Ondjaki – conto que, por sua vez, estabelece um diálogo intertextual com o conto “Nós matamos o cão-tinhoso”, publicado em 1964 por Luís Bernardo Honwana, militante da Frente de Libertação de Moçambique –, e a possibilidade de sua abordagem na sala de aula, especificamente, no sétimo ano do ensino fundamental, como mote para se desenvolver, nas aulas de língua portuguesa, além de habilidades de compreensão e interpretação de textos, o entendimento das variações do idioma. O artigo, assim, além de disponibilizar um material necessário aos docentes da educação básica, compreendido na sequência de planos de aula que foi utilizada, propõe estratégias de leitura do texto literário em destaque e dos elementos da narrativa. Mais ainda: o artigo de Mariana Andrade Ogasawara, para além dos conteúdos observados, dá margem para que, no trabalho com o texto literário em sala de aula, seja despertado, de um lado, o exercício da empatia; e, de outro, que seja proporcionada uma divulgação da cultura africana, colaborando na promoção do respeito às variações linguísticas. A fundamentação teórica parte da própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e de estudiosos das relações entre práticas de leitura e educação, bem como da lusofonia, tais como: Brito, Lajolo e Santos.

O terceiro artigo que integra o dossiê, “Construindo istmos em *Tropeço*, de Anderson Feliciano: um arquipélago inclassificável”, de Raysa Barbosa Corrêa Lima Pacheco, aborda a questão da pluralidade com que, atualmente, é composto o cenário artístico, ampliando tal entendimento para o campo literário, em que as fronteiras entre gêneros literários estão cada vez mais diluídas. Para tanto, a pesquisadora examina a obra *Tropeço*, do mineiro Anderson

Feliciano, como exemplar de *performance* – conceito utilizado para problematizar as fronteiras das classificações literárias. Ressalta-se que o artigo estabelece uma leitura reflexiva em torno de autores que discutem questões relativas aos estudos de *performance* na escrita, fronteiras na literatura e em torno da problemática das classificações, como Beigui, Hissa e Maciel. No horizonte da escrita, o texto articula a discussão teórica ao texto literário, de modo a ressignificar o título analisado.

O dossiê se encerra com o artigo “Análise do conto ‘Venha ver o pôr do sol’, de Lygia Fagundes Telles, sob a perspectiva do político e do poético em Giorgio Agamben”, no qual Eliane da Silva Deniz e Marcos Aparecido Pereira analisam, como sugerem no título, o conto brasileiro em pauta, tendo em vista o político e o poético, conforme postulado pelo filósofo italiano contemporâneo Giorgio Agamben. Mas não apenas. São trazidos ao debate autores que se debruçam sobre as relações entre literatura, sociedade, interações sociais e discurso, como Bakhtin e Barthes. Nesse sentido, o artigo procura evidenciar como o texto literário de Telles, por meio de um discurso elaborado entre o que se revela e o que se oculta, respectivamente, acaba por se constituir como representação das relações sócio-histórico-culturais, definindo espaços de poder por meio de interações discursivas.

A diversidade do material apresentado reflete a importância das reflexões sobre as diversas manifestações de expressão lusófona que perpassam esse território, apontando para desdobramentos reflexivos que nos fazem pensar na educação, na cultura, nos sentidos estéticos e políticos que as permeiam. Nesse sentido, a presença da arte reafirma aquilo que orientou nossos pensamentos ao propor este dossiê: que podemos usar como nossa bússola e nossa âncora por esse imenso e variado território que são as lusofonias justamente as manifestações artísticas, pois elas brilham como vaga-lumes, para recuperarmos a bela imagem de Didi-Huberman (2011), e por mais que sejam intermitentes em meio à escuridão que muitas vezes insiste em predominar, são capazes de iluminar nossos pensamentos, nossos mundos, nossas vidas. São capazes de fazer com que nos movamos para enxergar melhor aquele ponto de luz, que nos permitirá, por sua vez, enxergar melhor aquilo que o rodeia. E esse ponto de luz nos permitirá perceber que as nações e as línguas são todas mistérios, por mais que vivamos em um mundo interconectado, mas que esses mistérios, longe de direcionar-nos para o incompreensível, movem-nos para o compartilhamento das diferenças e para a aceitação das alteridades.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. O que é o contemporâneo? *In*: AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2013. p. 55-73.

DIDI-HUBERMAN, G. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FONSECA, A. M. Em português nos entendemos? Lusofonia, literatura-mundo e as derivas da escrita. *Configurações*, v. 12, p. 105-116, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/2041>. Acesso em: 7 mar. 2022.

MARTINS, M. de L. Apresentação – Lusofonias: reinvenção de comunidades e combate linguístico-cultural. *In*: MARTINS, M. de L. (coord.). *Lusofonia e interculturalidade: promessa e travessia*. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2015. p. 7-23.